

Dora, uma abordagem sobre a técnica com adolescentes, 100 anos depois*

ELIANE GOLDSTEIN**

KÁTIA WAGNER RADKE***

MARIA DE FÁTIMA LOUREIRO DE CARVALHO FREITAS****

MARLI BERGEL *****

RESUMO: Dora, quando chegou a Freud, era uma adolescente. Passados 100 anos do texto *Fragmento da análise de um caso de histeria*, entre os muitos avanços ocorridos ao longo desses anos no desenvolvimento da psicanálise, estão os estudos relativos à adolescência, tanto do ponto de vista teórico quanto clínico. Por isso, o objetivo do trabalho foi aproveitar este documento histórico, mais os conceitos desenvolvidos ao longo destes anos, para pensar como atenderíamos Dora hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Dora. Adolescência. Técnica. Sonhos.

Dora, an adolescent approach to technique, 100 years later

ABSTRACT: When Dora met Freud she was a teenager girl. One hundred years after the text *Fragment of the analysis of a case of hysteria* was published, many advances has occurred in the psychoanalysis theory. The theoretical and clinical points of view about adolescence are among these advances. Therefore the aim of this paper is to compare the ideas contained in Freud's historical text with the concepts developed over the years to think about how we would treat Dora today.

KEYWORDS: Dora. Adolescence. Technique. dreams.

1. Introdução

O centenário da publicação de *Fragmento da análise de um caso de histeria*, em 2005, motivou-nos a fazer uma releitura reflexiva sobre o texto, bem como homenagear Freud. Embora Freud (1905[1901]/1989) objetivasse demons-

* Trabalho realizado em 2005, comemoração dos 100 anos de publicação do "Caso Dora".

** Psicóloga. Membro aspirante graduada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

*** Psicóloga. Membro associada da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

**** Psicóloga. Membro associada e analista de criança e adolescente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

***** Psicóloga. Membro efetivo, assistente de ensino e analista de criança e adolescente da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

trar questões como a “estrutura íntima da doença neurótica” (p. 21) e a forma como a interpretação dos sonhos se entrelaça no trabalho de análise, o *Caso Dora*, como o trabalho passou a ser conhecido, tornou-se um marco no desenvolvimento do método analítico: foi nessa oportunidade que Freud reconheceu a necessidade de analisar o fenômeno transferencial no processo analítico.

Freud (1932/1976) procurava aproximar a psicanálise do pensamento científico, que entre outras características, busca a verdade e a aceitação da relatividade dos achados. Cem anos se passaram, e, apesar de alguns conceitos terem permanecido invariáveis, houve desenvolvimentos teóricos que justificaram mudanças técnicas, pois teoria e técnica são instrumentos interdependentes. Por isso a psicanálise não deixa de ser uma ciência centrada na clínica.

Entre os avanços que se pode destacar nesses cem anos, encontram-se os estudos relativos à adolescência, tanto em seus aspectos teóricos como no que se refere às especificidades da técnica de atendimento de pacientes nessa faixa etária. Considerando-se que Dora, aos 18 anos era uma adolescente, não apenas aos olhos contemporâneos, mas também na visão de Freud, nosso intuito foi aproveitar este documento histórico para pensar como atenderíamos Dora, nos dias de hoje, dispondo de uma série de conceitos teórico-clínicos desenvolvidos ao longo deste século.

Para esta reflexão, utilizaremos como roteiro a maneira como Freud apresentou Dora, destacando alguns pontos que consideramos importantes. Na busca de uma comparação entre a forma como foi conduzido em 1900 e como se supõe que faríamos nos dias atuais, este trabalho foi dividido nos seguintes tópicos: Dora uma abordagem sobre a técnica com adolescentes 100 anos depois: a) Procura de tratamento e avaliação; b) O início do tratamento; c) Os dois sonhos; d) A interrupção; e) Tentativa de retorno.

Cabe destacar que, embora o caso Dora apresente uma multiplicidade de vértices para discussão, optamos por centrar o debate na questão da técnica de atendimento de adolescentes. Outro ponto a destacar é sobre a consciência da natureza fictícia de nosso exercício ao escolhermos determinadas vinhetas do caso para pensar como faríamos hoje. Temos clareza de que o material que Freud nos apresenta apenas surgiu desta forma devido à dupla analítica, Dora e Freud. No entanto, não queríamos que este aspecto inibisse o desejo de atingir nosso objetivo de uma maneira mais clínica e não tão teórica.

2. Dora, uma abordagem sobre a técnica com adolescentes, 100 anos depois

a) Procura de tratamento e avaliação

Quando procurado para atender Dora, Freud e o pai da paciente já se conheciam, pois o mesmo havia sido atendido por Freud quatro anos antes, por indicação do Sr. K, devido a sequelas de sífilis.

Dora, então com 16 anos, fora levada a consultar por apresentar dispnéia, tosse e rouquidão, sintomas recorrentes cujo primeiro episódio ocorrera aos 8 anos de idade. Após a avaliação, o tratamento analítico proposto por Freud foi recusado devido à remissão espontânea dos sintomas.

Quando Dora tinha 18 anos, o pai recorre novamente a Freud, preocupado com uma carta em que a filha afirmava não querer mais viver. O pai não acreditava seriamente nas intenções suicidas da paciente. Porém, a carta somou-se ao fato de que, durante uma discussão entre os dois, a filha tivera perda da consciência e amnésia. Nesta oportunidade, apesar da relutância de Dora, ficou decidido que ela viria se tratar com Freud.

O pai relata também sua preocupação com Dora e um casal de amigos da família, o Sr. e a Sra. K.. Dora acreditava que houvesse uma relação extra-conjugal entre ele e a Sra. K., fato que o pai atribuía à imaginação da filha. Além disso, Dora afirmava que o Sr. K. fizera-lhe uma proposta amorosa, o que este homem, não só negava veementemente, como também considerava fantasia da moça. O pai relaciona o quadro clínico com este “enredo”. Afirma que, por acreditar que não houve esses acontecimentos, não romperá relações com os K., conforme o desejo de Dora.

Segundo o pai, a mãe era inculta e fútil. Não se interessava pelos filhos e sua principal ocupação era manter a casa limpa, tornando impossível desfrutar da mesma. Dora tinha um irmão, um ano e meio mais velho do que ela. Este era mais próximo da mãe, enquanto Dora era mais apegada ao pai. A relação de Dora com a mãe era bastante difícil. A filha tratava a mãe com desprezo.

Frente às informações que temos até aqui, pensamos em desenvolver algumas idéias sobre a busca do tratamento. Como procederíamos hoje?

O período da adolescência tem nuances próprias, exigindo maior flexibilidade do analista. Não existem regras rígidas. Dependendo da idade do adolescente, conversamos com os pais durante a avaliação e deixamos em aberto a possibilidade de reencontrar-nos posteriormente, de acordo com a necessidade, e sempre com o conhecimento do paciente.

No caso de Dora, foi o pai quem contatou o analista. Embora hoje em dia, possivelmente solicitássemos conversar antes com a própria Dora, caso o pai desejasse vir primeiramente, aceitaríamos e tomaríamos o fato como um dado a nos auxiliar na compreensão da paciente. Procuraríamos nos inteirar dos motivos da ausência da mãe e de seu conhecimento sobre o que o pai relatara. Empenhar-nos-íamos em conversar com ambos os pais na tentativa de evitar fantasias sobre algum conchavo que pudesse comprometer o andamento do trabalho.

Considerando-se que a conduta inicial do pai de Dora anunciaria um caráter sedutor, envolvente, perguntamo-nos de que maneira estas impressões poderiam ter influenciado no atendimento à Dora. Nas análises com pacientes adolescentes, o campo analítico é mais complexo, já que envolve a presença dos pais, nossas impressões em relação a eles, possíveis interferências reais no tratamento (Kancyper, 1999a). “O paciente adolescente é o que mais exige uma

compreensão da realidade externa na qual o adolescente se move” (Knobel apud Aberastury, 1970/1980, p. 125).

Ao final da conversa com Freud, o pai de Dora termina dizendo: “[...] Por favor, agora tente colocá-la no bom caminho” (p. 33). Ficamos curiosos em saber como Freud teria recebido esta recomendação. Hoje procuraríamos examinar o que seria este “bom caminho”.

Procurando prevenir possíveis interferências, esclareceríamos como se processa a avaliação e no que consiste um tratamento analítico, quanto à importância da busca da verdade psíquica da paciente. A intenção seria mostrar que nosso compromisso é sempre com a paciente, procurando desfazer a idéia de um eventual conluio. Apesar disso, também temos uma preocupação em preservar o vínculo com os pais, pois uma questão difícil do tratamento com adolescentes é a dependência dos mesmos em relação àqueles. Por isso o campo é complexo. Assim como temos um cuidado em não fazer conluios com os pais também devemos ter o cuidado de não o fazer com o adolescente.

Álvaro Nin (2004) salienta que “[...] temos que ter claro o que pede o adolescente e o que pede o meio familiar e social. Quiçá, a maior parte das vezes, teremos de trabalhar deste ponto de partida porque se constitui no cimento do espaço analítico que iremos construir” (p. 157).

Freud não explicita como Dora apresentou-se a ele. Sabe-se que estaria relutante e vindo por imposição. Atualmente, este seria um dos primeiros pontos a examinar: haveria motivação suficiente? O que desejaria ela com o tratamento? Outro ponto a ser trabalhado seria a possível fantasia de aliança do analista com o pai em seu objetivo de “colocá-la no bom caminho”. Procuraríamos explicar-lhe que o objetivo seria ajudá-la a conhecer-se para que pudesse administrar melhor os conflitos que vinham lhe trazendo tanto sofrimento, deixando claro o sigilo profissional.

Freud descreve alguns traços do caráter de Dora: “jovem de juízo muito independente, que se acostumou a rir dos esforços dos médicos e acabou por renunciar inteiramente à assistência deles [...]. Qualquer proposta de consultar um novo médico despertava sua resistência [...]” (p. 29). Compreendemos os mesmos como uma reação defensiva frente à decepção que descreve ter sentido com seus objetos amorosos. Neste momento, transferida aos médicos e, possivelmente, incrementados pela adolescência, pois, neste período, o adolescente, para lidar com o conflito dependência-separação de seus objetos primários, pode defender-se através da arrogância. Por tratar-se de uma adolescente e, das implicações que este período tem na técnica, tomaríamos cuidado com a abordagem destes traços. Talvez disséssemos apenas: “O teu receio é que a análise possa ser mais uma dessas experiências que não dão em nada”. Ter presente a compreensão de este ser um fenômeno transferencial, recrudescido pela adolescência, nos auxiliaria no cuidado ao abordar esses traços de caráter.

Ao final do período de avaliação, é possível que propuséssemos uma sessão conjunta entre Dora e seus pais. Compreenderíamos caso não fosse este o dese-

jo de Dora. É bastante freqüente o adolescente não aceitar tal proposta.

Procuraríamos levantar uma hipótese dinâmica acerca de seu funcionamento mental, que poderia ser redimensionada no decorrer do tratamento.

b) Início do tratamento

Freud refere que, superadas as primeiras dificuldades do início do tratamento, Dora confidenciou-lhe uma experiência anterior com o Sr. K. que não contara aos pais. Já aos 14 anos o Sr. K., criando uma situação propícia, beijou-a na sua loja, despertando-lhe violenta repugnância.

Pareceu-nos que este relato, neste momento, possui múltiplas facetas. Poderia representar um indicativo de aproximação, e também a necessidade de verificar como o analista receberia este material e o que faria com ele. Freud parece ter optado por abordar diretamente o conflito entre as instâncias psíquicas, referindo que a excitação se transformou em repugnância: um sintoma histérico.

Consideramos que na comunicação de Dora há uma alusão à transferência. Pensamos que, talvez, a melhor maneira de abordá-la seria analisando sua necessidade de confiar em alguém na esperança de ser compreendida e de não repetir, na relação com o analista, as decepções relatadas com seus objetos de amor. Procuraríamos acolher sua indignação frente ao fato e, talvez, optássemos por abordar a repugna como uma proteção adequada frente a um homem que poderia ser seu pai, não desmanchando seu ainda necessário aporte defensivo.

Nosso objetivo seria acolher os sentimentos frente à dimensão traumática que esta situação teve para ela. Acreditamos que a defesa de Dora foi adequada e “estruturante” para a idade que se encontrava quando do ocorrido (14 anos). Principalmente por tratar-se de um objeto “incestuoso”, uma vez que o Sr. K. era como se fosse um membro da família e envolvido de forma perversa com a mesma.

Talvez, apenas em momento posterior, interpretaríamos a transformação do afeto sofrida com o episódio, como Freud bem compreendeu. Neste início de tratamento, sua carga afetiva encontrava-se demasiadamente distante do conflito inconsciente. O mais próximo da consciência era a mágoa e o ressentimento que precisavam ser ouvidos e acolhidos. Muitas vezes, especialmente com adolescentes, é necessário que o paciente extravase seu ódio para que, posteriormente, se crie um espaço mental para pensar (Bolognini, 2004).

Nestes 100 anos, tornar consciente o inconsciente não deixou de ser um objetivo. No entanto, procuramos trilhar um caminho em que as resistências cedam lentamente através de um percurso que vai do consciente ao inconsciente através das ligações com o pré-consciente. O método empregado para interpretar passou a contar mais do que o conteúdo a ser interpretado. Houve uma passagem da análise do conteúdo para análise do continente. Passou-se a valorizar mais o “processo analítico”, os intercâmbios entre o paciente e o analista. A situação analítica passou a ser a totalidade dos elementos que a constituem, em cujo cerne observa-se um processo, cujos nós, são apertados pela transferência

e pela contratransferência (Green, 1988).

Freud mostra-nos a dificuldade para dirigir a atenção de sua paciente para as relações com o Sr. K. Dora centrava-se na impossibilidade de perdoar o pai por continuar mantendo relações com o casal K.. Necessitava falar de suas decepções com o pai. Freud, no entanto, entendia isto como uma defesa frente à relação com o Sr. K..

Kancyper (1999b) refere que “aquilo que silencia na infância pode manifestar-se aos gritos durante a adolescência” (p. 891, tradução nossa). Dora agora já não conseguia mais acobertar e ser cúmplice da hipocrisia familiar como na infância. Esta também é uma característica da etapa adolescente, a busca incessante pela verdade.

É na adolescência também que se dá o processo de desidealização das figuras paternas. Processo doloroso até que o adolescente consiga aceitá-las de forma mais realista. Pelo que sabemos da vida de Dora após a interrupção do tratamento, parece não ter conseguido esta transformação. Sua decepção converteu-se em desqualificação do objeto e, por consequência, de si própria.

Freud não contestava a percepção de Dora do caráter do pai. Apesar disso, parecia não dar importância a estes sentimentos da paciente, privilegiando a interpretação do conflito edípico. Interpreta as censuras de Dora ao pai como auto-censuras de caráter idêntico, pois ela tornara-se cúmplice do relacionamento do pai com a Sra. K. para preservar os seus sentimentos com o Sr. K..

Não podemos deixar de destacar a perspicácia e o brilhantismo de Freud na leitura da dinâmica inconsciente de Dora. No entanto, hoje, acolheríamos inicialmente sua indignação e seu desejo de que o pai demonstrasse mais cuidado e interesse por sua pessoa. Dora parecia ser uma adolescente exposta a um clima de sedução e, ao mesmo tempo, de ataques a sua percepção. Este clima deveria gerar, não apenas um excesso de excitação sexual, como também uma confusão que precisaria ser elucidada e uma hostilidade que necessitava ser acolhida.

A decepção que estaria vivendo com o pai, além de fazer parte do processo natural de desidealização da adolescência, indicava o sentimento (e a realidade) de desamparo. O pai não só falhava na interdição do incesto, como incitava sua realização através de seu substituto, o Sr. K..

Freud também a “empurra” ao Sr. K. no momento em que considera uma solução plausível a união dos dois. Talvez Dora esperasse que Freud se incumbisse da tarefa na qual o pai falhava, acolhendo sua indignação e compreendendo os efeitos desestruturantes que a transgressão à lei, por parte de um adulto, pode produzir na mente de uma adolescente (Bleichmar, 1985).

Em três meses de tratamento, Freud interpretou o amor sexual que Dora experimentava pelo pai, assim como pelo Sr. K., além das manifestações de sua sexualidade de ordem genital e pré-genital. Por mais brilhantes que fossem as conclusões de Freud, pois a leitura do caso nos impacta ainda hoje pela inteligência, coragem e capacidade de apreensão do inconsciente por par-

te dele, passados mais de cem anos consideramos interpretações prematuras que devem ter incrementado as resistências de Dora, pois Freud lhe propunha enfrentar seus conflitos mais profundos de forma extremamente abrupta. Hoje, caracterizaríamos as mesmas como interpretações saturadas (Ferro, 1995).

Segundo Gómez e Tebaldi (2001), com pacientes adolescentes, a construção de um passado infantil deve ocorrer na mente do analista esperando o tempo oportuno para a interpretação. É preciso seguir o tempo do adolescente, que em algum momento passa a se perceber melhor e seu afeto passa a tolerar a interpretação. Os tempos da compreensão do material pelo analista não coincidem com o tempo da interpretação do mesmo. “As interpretações prematuras geram resistências, na medida em que o paciente se defronta com seu conflito mais profundo: a invasão de uma mãe fálica pré-edípica, encarnada agora no imperativo do acionar analítico” (p. 715-716).

c) Os dois sonhos

O primeiro

“Uma casa estava em chamas! Meu pai encontrava-se de pé ao lado da minha cama e me despertou. Vesti-me rapidamente. Mamãe queria parar e salvar sua caixa de jóias, mas papai disse: ‘recuso-me a deixar que eu e meus dois filhos sejamos queimados por causa de sua caixa de joias’. Descemos apressadamente as escadas, e logo que me encontrei fora da casa, despertei” (p. 61).

Freud decompõe exaustivamente o sonho que Dora tivera em algumas noites anteriores. Esta era a técnica na época.

Apesar de, ao ouvir o sonho, Freud ter se perguntado qual seria a causa excitante da presente repetição onírica, refere no posfácio não ter dado a devida importância à menção de abandono do tratamento no sonho, e assim não conseguiu dominar a tempo a transferência. Embora reconheça que deveria tê-la analisado, se questiona sobre a forma da interpretação. Deveria ter trabalhado as suspeitas de más intenções semelhantes às do Sr. K., “diretamente ou por meio de alguma sublimação?” (p. 112). Passados 100 anos nos fizemos a mesma pergunta.

A literatura, bem como nossa experiência, indica que a comunicação ao paciente de conteúdos sexuais, especialmente se estão ligados à questão transferencial, não é bem tolerada na adolescência. Esta intolerância deve-se ao temor relacionado à sua demanda pulsional, assim como à sensação de desvantagem frente ao adulto “detentor do conhecimento sexual”. Como então abordar a questão, pois a menção ao abandono do tratamento está diretamente ligada a fantasias sexuais na transferência? Tentaremos responder partindo das associações de Dora.

Associa que seus pais discutem com frequência porque a mãe tem trancado a porta da sala de jantar durante a noite, e seu pai não quer que seu irmão fique trancado, porque pode lhe acontecer algo à noite que lhe seja necessário sair.

Em nosso entendimento, o sonho e as associações revelam um conflito de

ideias entre seus objetos internos, um que a protege e outro que a expõe a riscos por motivos egoístas. Neste sentido, também Freud estaria representado de maneira ambivalente. Em parte, a fantasia é de que seguir com a análise significaria consumir o incesto, devido aos desejos reatualizados na relação transferencial. Tese esta reforçada pela conduta do Sr. K., com a anuência do pai. Portanto, “se deseja, acontece”. Adolescente, ela ainda não tem adequados mecanismos de defesa frente à intensidade das novas demandas pulsionais. Além do mais, o ambiente falha na tarefa de interdição, tornando-a mais trabalhosa para Dora.

Outra associação de Dora foi quando da chegada a L. em um dia de tempestades e trovões, em que seu pai comentara temer um incêndio devido à ausência de pára-raios na casa dos K.. Pensamos que Dora poderia estar comunicando que a função do seu aparelho de pára-excitação, bem como o do pai e do casal K., não estava em bom funcionamento, e, possivelmente, temia que o de Freud também não estivesse.

Poderíamos então interpretar a esperança de que funcionássemos como um “pára-raios”, isto é, depositários de suas excitações sem que precisasse sentir-se ameaçada, como se sentia na relação com o pai e o casal K..

No entanto, ficamos preocupados que tal interpretação ainda pudesse tocar de forma muito direta em seus conflitos sexuais, pois hoje considerá-riamos o período que estava em análise ainda muito inicial.

Talvez, uma interpretação possível pudesse ser: “Tu debes te perguntar se eu estou preocupado contigo, ou em atender a desejos egoístas, como te parece que faz o Sr. K., sem me importar com os teus sentimentos. Como ainda não sabes se eu sou diferente dele, ficas assustada e tens vontade de sair correndo”.

É possível que Dora estivesse sentindo o campo analítico muito erotizado, como alguns autores referem (Bollas, 2000; Muslin e Gill, 1978; Scharfman, 1980). Freud falava abertamente sobre as questões sexuais, a relação terapêutica poderia ser vivenciada de forma semelhante ao clima de sedução nos contatos com o Sr. K. ou nas leituras conjuntas de livros sobre sexualidade com a Sra. K. e a governanta. Dora percebia a todos muito preocupados consigo próprios e não com a sua pessoa.

Além do mais, a ideia sobre um possível casamento entre Dora e o Sr. K. poderia constituir, para Dora, um indicativo de que o “pára-raios” de Freud também não estava em bom funcionamento. Se poderia casar-se com o Sr. K., por que não com Freud? Dora tinha de entrar naturalmente em pânico, afinal sua estrutura era neurótica e não perversa.

Como então, Dora poderia “despir-se” para Freud confiando que este processo aconteceria apenas no âmbito simbólico e não no real? Vários autores abordaram os possíveis sentimentos contratransferenciais de Freud neste atendimento. Optamos por não abordar este tema por tratar-se de inferências muito subjetivas. Além do mais, não podemos esquecer que Freud estava se aventurando numa área até então não desbravada, sem o conhecimento que hoje temos graças a sua coragem e pioneirismo.

O segundo

Algumas semanas depois do primeiro sonho, ocorreu o segundo, com cuja resolução, descreve Freud, interrompeu-se a análise.

“Eu estava passeando por uma cidade que não conhecia, vendo ruas e praças que me eram estranhas. Cheguei então a uma casa onde eu morava, fui até meu quarto e ali encontrei uma carta de mamãe. Dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não quisera escrever-me que papai estava doente. ‘Agora ele morreu e, se quiser, você pode vir’. Fui então para a estação [Bahnhof] e perguntei cem vezes: ‘Onde fica a estação?’. Recebia sempre a resposta: ‘Cinco minutos’. Vi depois à minha frente um bosque espesso no qual penetrei, e ali fiz a pergunta a um homem que encontrei. Disse-me: ‘Mais duas horas e meia’. Pediu-me que o deixasse acompanhar-me. Recusei e fui sozinha. Vi a estação à minha frente e não conseguia alcançá-la. Aí me veio o sentimento habitual de angústia de quando, nos sonhos, não se consegue ir adiante. Depois, eu estava em casa; nesse meio tempo, tinha que ter viajado, mas nada sei sobre isso. Dirigi-me à portaria e perguntei ao porteiro por nossa casa. A criada abriu para mim e respondeu: ‘A mamãe e os outros já estão no cemitério’” (p. 91).

O sonho, devido a sua característica de sobredeterminação de ideias, permite várias leituras. Um primeiro ponto seria a referência ao processo analítico, ao passeio por seu inconsciente, ao seu corpo em transformação pressionado pelas necessidades pulsionais, onde o psíquico tem a tarefa de administrar desconhecidas solicitações.

A associação da recusa em deixar-se guiar pelo primo numa galeria em Dresden, onde ficara duas horas admirando o quadro da Madona Sistina, remeteu-nos a um caminho regressivo até a mãe. Este movimento poderia representar uma defesa em relação à sexualidade genital. Assim como um movimento necessário no sentido de ressignificar suas falhas narcísicas, resultado de dificuldades na relação com a mãe, que parece não ter conseguido libidinizar adequadamente sua filha mulher. Madona seria a mulher que gera um filho dispensando a cópula, apenas mãe e filha.

Além disso, o sonho poderia estar nos falando de uma imago materna anal-intrusiva, que apenas avisa Dora da doença do pai após sua morte, como uma vingança por não se submeter ao seu jugo anal, devido à saída de casa sem o conhecimento dos pais. Dora só é convidada a retornar a casa após a morte do pai. Também nos remete à conflitiva edípica, onde Dora fantasia que a mãe desejaria mantê-la afastada do pai para que não exercesse novamente o papel de confidente e “enfermeira” na vida do mesmo, como tantas vezes havia feito na infância, quando a mãe ficava excluída.

Enfim, várias interpretações são possíveis. A análise, assim como a adolescência, são oportunidades de ressignificação de todos os níveis de desenvolvimento, articulados de forma dialética. Esses conteúdos virão inúmeras vezes à análise e por isso, nestes 100 anos, vimos que não há necessidade de interpretar um sonho exaustivamente como Freud fazia na época. O importante seria com-

preendermos a urgência do momento. E por sabermos do desfecho do tratamento, fica claro que o necessário era trabalhar o aviso da interrupção.

Freud, no posfácio, reconheceu que não estava suficientemente atento à transferência. E apenas em 1910 concebeu o conceito de contratransferência, que é o que provavelmente o impedia de perceber o aviso de Dora em relação ao seu desejo de interrupção da análise: recusa em ser acompanhada pelo homem que encontra em seu caminho, morte do pai/Freud.

Hoje contamos com conceitos como o “campo analítico”. Baranger e Baranger (1961/1969) refere que é importante ouvir o que o paciente diz após nossa interpretação, como algo que provém da história, do mundo interno, mas também como algo que é uma resposta em tempo real à nossa interpretação.

Dora pergunta 100 vezes onde fica a estação e quando recebe a resposta é em tempo numérico. Pergunta sobre a localização geográfica e recebe uma resposta de cunho temporal. A resposta não corresponde à pergunta, como um enigma que não consegue decodificar. O analista falava numa linguagem que não vinha ao encontro das necessidades de Dora. Talvez, Freud se encontrasse muito absorvido em comprovar suas teorias e investigar o inconsciente sem respeitar o tempo da paciente. Talvez estivesse tão ocupado em não se deixar levar por situações traumáticas reais (recente abandono da teoria da sedução) que privilegiava as fantasias inconscientes em detrimento de ouvir a paciente, livre de pré-concepções. Portanto, o sonho poderia estar expressando de forma plástica o que estaria se passando no campo analítico. O auxílio de Freud não estaria correspondendo ao que necessitava, e isso apontava para um descompasso da dupla.

Pela teoria do campo, poderíamos considerar que Dora estaria expressando a necessidade de buscar a mãe num caminho regressivo para proteger-se de uma situação sentida como intensamente sedutora com Freud. Ou buscando em Madona uma mãe ideal, procurando escapar da mãe anal intrusiva, reeditada no campo, através das interpretações saturadas. A transferência materna poderia ser trabalhada, mas seria importante Freud perceber que ele poderia representar também uma mãe e não apenas um pai. Em nota de rodapé acrescentada posteriormente no posfácio, ele refere estar cada vez mais convencido de que seu erro técnico foi não ter descoberto e comunicado a tempo a moção amorosa mais forte das correntes inconscientes de sua vida anímica, a homossexual. No entanto, Freud parecia não se dar conta ainda que na transferência ele também pudesse representar a figura materna. Madona poderia representar a necessidade de Dora de regredir a um estado mais primitivo do que o edípico que Freud procurava analisar.

São todas questões para refletir, no entanto, pensamos que as interpretações deveriam se centrar na recusa em deixar-se acompanhar pelo analista, a mágoa por não se sentir compreendida, nos temores de vingança por parte de Freud caso interrompesse o tratamento (sair de casa sem avisar os pais), no temor de que seu ódio pudesse destruir a relação com o mesmo.

d) A interrupção

Na sessão seguinte à análise detalhada do sonho, Dora anuncia que aquela seria sua última sessão. Refere ter decidido pela interrupção há 14 dias. Ele intervém relacionando com um aviso prévio de uma criada. Ela associa que o Sr. K. fizera uma proposta amorosa a uma criada usando as mesmas palavras que usara com Dora no lago. Conta que a criada entregou-se a ele e depois o Sr. K. deixou de procurá-la. Ao contar para seus pais, estes exigiram que a criada saísse da casa. Ela pediu aviso prévio, na esperança de que o Sr. K. voltasse a procurá-la.

Freud centrou-se na análise de aspectos extra-transferenciais ligados ao Sr. K.. Caso já estivesse atento ao fenômeno da transferência poderia interpretar: “Quem sabe, tu também estavas me dando um aviso prévio na esperança de que eu te entendesse para que pudéssemos nestes 14 dias conversar a respeito. Deves estar magoada por eu não ter percebido isto antes”. Hoje entenderíamos que mesmo nessa sessão, que dizia ser a última, ainda havia a esperança de que a análise prosseguisse caso os fenômenos em jogo pudessem ser compreendidos. Poderia seguir dizendo: “Mas apesar da mágoa, ainda estás aqui, associando, esperando que nós possamos compreender porque queres interromper a análise, na esperança, talvez, de seguirmos em frente”.

Não havendo compreensão dos mesmos, Dora interrompe o processo de análise. Freud parece ter trabalhado pouco pela continuidade do tratamento. Imaginamos que Dora, devido a não compreensão dos fenômenos transferência-contratransferência por parte de Freud, deve ter se sentido abandonada, revivendo mais uma vez o abandono em relação aos seus objetos amorosos.

Atualmente, sabemos que é comum um adolescente interromper tratamento e voltar num outro momento. De acordo com vários autores (Barugel e Sola, 1993/2001; Blos, 1996; Ferro, 1995; Leivi, 1995; Meltzer, 1978) o *acting* é a principal via de expressão da conflitiva transferencial neste período. No entanto, no caso de Dora, pensamos que o *acting* se aproximava mais de uma ação comunicativa à espera de tradução para conseguir dar prosseguimento à análise. Barugel e Sola (1993/2001) consideram que no *acting* há um movimento regressivo que vai do pensamento ao ato, obstruindo o processo, enquanto na ação comunicativa há disposição em estabelecer uma relação de objeto e o movimento é progressivo do ato ao pensamento. Pensamos que apesar da interrupção da análise, no momento em que, anterior a isto Dora tem sonhos, relata-os na análise e associa, está predominando sua capacidade simbólica.

e) Tentativa de retorno

Decorridos quinze meses do término do tratamento, no dia 1º de abril (numa data nada indiferente, escreve Freud), Dora procura-lhe novamente, solicitando ajuda. No entanto, Freud refere que, “uma olhadela para sua expressão revelou-me que ela não levava a sério esse pedido” (p. 114). Viera buscar ajuda por causa de uma nevralgia facial do lado direito que perdurava há quatorze dias. Freud

demonstra-lhe que justamente há 14 dias deveria ter lido uma notícia sobre ele nos jornais, o que ela confirma. Ele entende o sintoma como uma autopunição pela bofetada no Sr. K. e nele por transferência.

Por não acreditar que o pedido de ajuda fosse verdadeiro, ele não aceita que Dora volte a se tratar com ele. Ficamos com a impressão que se dera entre Freud e Dora uma luta de poder. De acordo com Freud, Dora interrompera o tratamento por ressentimento e vingança. Agora, parece que Freud também se encontra ressentido e temeroso de ser frustrado novamente.

Winnicott (1979) considera que na adolescência haverá uma longa luta e o melhor que podemos fazer, enquanto pais e analistas, é sobreviver incólumes.

Hoje, de posse de conceitos como transferência, contratransferência, campo analítico, período adolescente, e tantos outros, além do conhecimento do desfecho do caso, acreditaríamos mais na tentativa de Dora de retornar ao tratamento. Procuraríamos trabalhar suas ambivalências, seus ressentimentos por não se sentir compreendida e a aceitaríamos.

E, nesse sentido, ocorreu-nos uma questão a respeito dos 14 dias que tantas vezes retornam à cena analítica. 14 dias corresponde ao meio do ciclo menstrual, período fértil feminino. Por que não poderíamos pensar que Dora retorna pronta para ser fertilizada pela análise? Talvez de posse também desta compreensão acreditássemos mais no desejo de Dora em se analisar.

Em sua tentativa de retornar, Dora conta a Freud que havia melhorado e que depois de cortar relações com os K., foi visitá-los por ocasião da morte de um dos filhos. Aproveitou a oportunidade para dizer a Sra. K. que sabia do relacionamento com seu pai. Refere que esta não negou, assim como o Sr. K. confessou a veracidade da cena do lago, a qual levou em seguida ao conhecimento do pai. Refere que, desde então, não retomou tal relacionamento.

Ao referir tal episódio, além de mais uma vez falar a Freud de sua necessidade de vingança, não poderia Dora estar indicando encontrar-se de fato mais disponível para a análise de suas questões internas, já que retorna, por sua livre e espontânea vontade?

3. Considerações finais

Inicialmente, queremos destacar o fato de que ler o caso Dora, 100 anos após sua publicação, ainda nos encanta por sua riqueza e pelo brilhantismo de Freud. Além disso, encontramos-nos em posição privilegiada. Fazer uma leitura, dispondo de uma série de conceitos teórico-clínicos desenvolvidos ao longo destes anos, permite-nos uma leitura “ressignificada”, no dizer freudiano do termo.

Além do mais, o trabalho de pensar um material clínico à distância é facilitado por não nos encontrarmos no calor da relação analítica. Portanto, nossa intenção esteve longe de confrontar Freud, mas sim, de aproveitar seu pioneirismo para podermos seguir a caminhada de uma trilha que ele inaugurou. O

registro de suas experiências, além de terem o intuito de divulgar a psicanálise, deixou aberta a possibilidade de refletirmos junto com ele, buscando sempre o aprimoramento desta ciência que nasceu da clínica, se estendeu para outras áreas, mas que ainda através da clínica procuramos aprimorá-la com o objetivo de melhor compreender e ajudar nosso paciente.

Como nosso foco foi fazer uma leitura de “Dora adolescente” procurando pensar na técnica utilizada por Freud e na técnica utilizada com adolescentes hoje, consideramos um exercício interessante. Cada nova leitura do caso apontava-nos para outros detalhes não percebidos anteriormente. Assim, a cada encontro para discutirmos e formularmos este trabalho nossas visões se ampliavam. Com certeza, o trabalho escrito não traduz a dimensão e complexidade de nossas discussões.

Dentre os vários aspectos ligados à técnica, talvez a questão mais discutida tenha sido a abordagem do fenômeno transferencial com pacientes desta faixa etária. Freud declarou que a interrupção do tratamento ocorreu devido a não ter analisado a transferência. No entanto, constatou-se ao longo do trabalho com adolescentes que o fenômeno transferencial durante a adolescência é peculiar e nem sempre deve ser verbalizado. No entanto, ele deve estar constantemente presente em nossa mente. A observação do processo transferência-contratransferência no campo analítico nos dirá quando e como trabalhar a transferência na relação analítica, quando deve ser apenas pensada, servindo para nos sinalizar o andamento do processo, assim como quando trabalhá-la no mundo de relações que o adolescente tem fora da análise. Enfatizar o trabalho da transferência na relação analítica pode favorecer resistências, na medida em que estaríamos nos colocando como protagonistas da cena enquanto que, devido ao seu momento de vida, precisa tirar os adultos da mesma.

Flexibilidade e criatividade são elementos importantes no trabalho. Aproximarmos-nos internamente de nossa adolescência pode favorecer um movimento dialético, numa articulação entre identificação e discriminação, na possibilidade de analisar psicanaliticamente os fenômenos transferenciais e contratransferenciais em jogo.

Um ponto que gostaríamos de salientar é que, especialmente com adolescentes, temos de levar em conta o interjogo que se estabelece entre as realidades externa e psíquica. A realidade externa, às vezes, se faz por demais presente. Considerá-la se faz necessário e nosso trabalho tem de ser no sentido de trabalhar dialeticamente o intrasubjetivo e o intersubjetivo. Dora é um bom exemplo neste sentido. Quando, ao longo do trabalho, fomos mostrando da necessidade em ouvi-la em suas queixas para com seus objetos, não estávamos perdendo de vista o intrapsíquico. No entanto, pensamos que para atingirmos camadas mais profundas do inconsciente temos de passar pelo consciente e pré-consciente.

A análise é por si só experiência emocional potencialmente propícia para “sedar” o processo de ressignificação das experiências primitivas do adoles-

cente. Para isto, como analistas, precisamos dispor de uma capacidade mental de acolhimento, ou como refere Bion (1962/1966), de uma função continente (*reverie*), capaz de receber identificações projetivas, contê-las, reconhecê-las e decodificá-las e, em algumas situações, devolvê-las desintoxicadas e nomeadas através de palavras. Em outras situações, talvez, apenas através do silêncio, de gestos, do tom de voz, do olhar. A promoção do crescimento mental na análise não ocorre apenas por meio de interpretações, mas também pela introjeção dos atributos ou da postura do analista frente ao material do paciente.

No item e) Tentativa de retorno, referimos a necessidade de o analista sobreviver aos ataques e confrontações do adolescente, e que Freud com Dora parece não ter sobrevivido. Entretanto, consideramos que sobreviveu para tantas outras “Doras” no momento em que nos deixou este documento em que mostra com sinceridade seus acertos e erros. Mostra-nos assim o que é ciência. Se conseguirmos seguir o exemplo de Freud, deixando que nosso narcisismo seja transformado pela pulsão de vida, compartilhando nossos erros e nossos acertos, é porque conseguimos promover dentro de nós uma das tarefas mais árduas do período adolescente: a desidealização de nossos objetos de amor e, por consequência, de nosso próprio ego.

Referências

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1980). Adolescência normal (S. M. G. Ballve, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Texto original publicado em 1970)
- Baranger, W., & Baranger, M. (1969). La situación analítica como campo dinámico. In Problemas del campo psicoanalítico (pp. 129-164). Buenos Aires: Kargieman, 1969. (Trabalho original publicado na Revista Uruguaya de Psicoanálisis em 1961)
- Barugel, N., & Sola, B. M. (2001). La acción comunicativa en el tratamiento de adolescentes. Revista de Psicoanálisis APdeBA, vol. 23, n. 2, 313-328.
- Bion, W. R. (1966). O aprender com a experiência. In Os elementos da Psicanálise (pp. 7-122). Rio de Janeiro: Zahar. (Texto original publicado em 1962)
- Bleichmar, E. D. (1985). El feminismo espontáneo de la histeria. Estudio de los trastornos narcisistas de la feminidad. Madrid: Adodraf.
- Blos, P. (1996). Transição adolescente. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bollas, C. (2000). Hysteria. São Paulo: Escuta.
- Bolognini, S. (2004). O bar no deserto. Simetria e assimetria no tratamento de adolescentes difíceis. Revista Brasileira de Psicanálise, vol. 38, n. 2, 259-269.
- Ferro, A. (1995). A técnica na psicanálise infantil. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). A questão de uma *Weltanschauung*. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. XXII, pp. 193-220), Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1932)
- Freud, S. (1989). Fragmento da análise de um caso de histeria. In Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. VII, pp. 01-119), Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1905[1901])

- Gómez, P., & Tebaldi, R. (2001). Consideraciones teórico-clínicas sobre el método psicoanalítico en la adolescencia. *Revista de Psicoanálisis*, vol. 58, 3, 711-724.
- Green, A. (1988). O analista, a simbolização e a ausência no contexto analítico. In *Sobre a loucura pessoal* (pp. 36-65). Rio de Janeiro: Imago.
- Kancyper, L. (1999a). Confrontação de gerações. *Estudo Psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kancyper, L. (1999b). El burrito carguero: o proceso psicoanalítico en la adolescencia. *Revista de Psicoanálisis*, vol. 51, n. 4, 891-921.
- Leivi, B. M. (1995). Historización, actualidad y acción en la adolescencia. *Revista de Psicoanálisis APdeBA*, vol. 17, n. 3, 585-612.
- Meltzer, D. (1978). *Seminário de Novara*. Roma: Borla.
- Muslin, H., & Gill, M. (1978). Transference in the Dora case. *J. Am. Psychoanal. Assoc.*, vol. 26, n. 2, 311-328.
- Nin, A. (2004). Algunas peculiaridades en el tratamiento psicoanalítico de pacientes adolescentes. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, n. 99, 153-168.
- Scharfman, M. (1980). Further reflections on Dora. In *Freud and his patients*. New York: Jason Aronson.
- Winnicott, D. W. (1979). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.